

1.3 • Conjuntura Internacional

PORTUGUÊS “RADIAL”

António Mateus

Texto entregue em Abril de 2020

“If you talk to a man in a language he understands, that goes to his head. If you talk to him in his language, that goes to his heart”.

Nelson Mandela

QUAL O CONTRIBUTO QUE UMA LÍNGUA EM GERAL E A PORTUGUESA, em particular, podem ter para o cumprimento da Agenda 2030 de Desenvolvimento Sustentável, particularmente quando o mundo enfrenta à escala global o impacto da pandemia do coronavírus?

A 1 de janeiro de 2016 entrou em vigor uma resolução da Organização das Nações Unidas (ONU) com dezassete objetivos (desdobrados em 169 metas) dedicada às várias dimensões do desenvolvimento sustentável (social, económico, ambiental), à promoção da paz e da justiça e à eficácia das instituições.

Nela, os líderes dos 193 estados-membros da ONU comprometiam-se a resolver as carências tanto em países desenvolvidos como em desenvolvimento, vincando que ninguém devia ser deixado para trás.

Desde então, o mundo assistiu à maior crise de refugiados e migrantes económicos desde a Segunda Guerra Mundial, que evidenciou as fragilidades dos compromissos de solidariedade (sustentáculo da Agenda 2030) mas resultou também no avanço de fórmulas de “ataque ao problema na sua origem”.

Entre estas, a promoção do desenvolvimento sustentado – em particular nas zonas de maior instabilidade social e/ou sócio-económica – criador de condições de manutenção/fixação das populações nas respectivas zonas/países de origem.

Em tese submetida à décima-primeira edição dos “Encontros da Tapada”, promovidos em regime de Chatam House pelo Instituto Diplomático e o Ministério dos Negócios Estrangeiros, o autor defendeu a utilização estratégica da Língua Portuguesa numa abordagem radial (a que voltaremos mais adiante), a partir dos diferentes países lusófonos.

Sendo a língua um factor estruturante nas trocas comerciais e nas dinâmicas culturais importa olhar primeiro a inserção global desses países-eixo e, depois, sugerir uma aposta estratégica daquela na promoção do desenvolvimento transfronteiriço e regional.

Em levantamento identificado na tabela, assinala-se a dispersão transcontinental dos países lusófonos, a que pode ser adicionado o território de Macau, não só pelo número significativo de estudantes de língua portuguesa (que a nível dos ensinos primário e secundário subiu ali de 6.838, em 1999/2000, para cerca de oito mil, no ano lectivo em curso, enquanto o número

de escolas quase duplicou no mesmo intervalo, de 28 para 51) mas pela sua progressiva reintegração na China.

Português levado a mil milhões

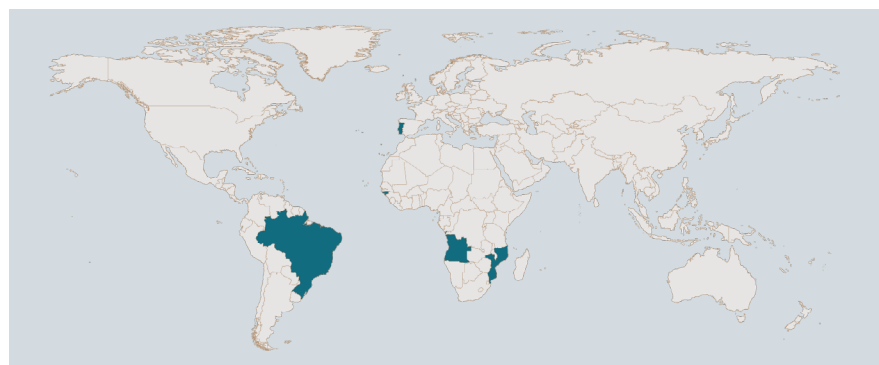
Já em segundo momento ilustra-se a mancha de países lusófonos e respectivos vizinhos directos, que quase triplica o território preenchido pelos primeiros. Uma leitura que pode ser quantificada através de levantamento sistematizado nos mapas.

“**Se os oito países lusófonos contabilizam, entre si, mais de 290 milhões de habitantes, os respectivos vinte e quatro vizinhos somam mais de 822 milhões, o que elevaria para mais de mil milhões o grande total de potenciais lusofalantes.**”

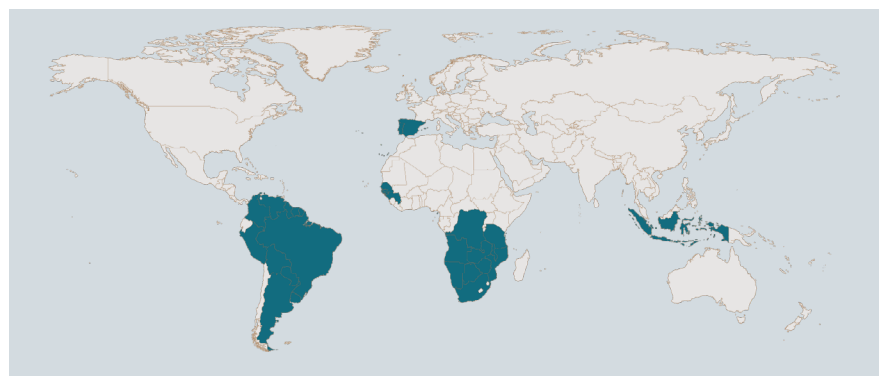
Se os oito países lusófonos contabilizam, entre si, mais de 290 milhões de habitantes, os respectivos vinte e quatro vizinhos somam mais de 822

milhões, o que elevaria para mais de mil milhões o grande total de potenciais lusofalantes, como língua materna, factor de unidade nacional ou proximidade direta/interesse comercial/cultural. No “Estudo da Estrutura diplomática portuguesa” publicado pelo Observare e pela Universidade Autónoma de Lisboa (UAL), em 2019, no capítulo “Novas formas de representação”, é avançada uma formulação de “Embaixadas radiais”, cuja aceitação esteve longe de ser pacífica, na comunidade diplomática.

Mas do qual importa respigar uma justificação convergente na tese deste paper, quando cita Enrique Fanjul em “Clusters y hubs: nuevas ideas para el servicio diplomático”, para sustentar e defender a lógica regional e o conceito de “cluster” na abordagem estratégica de Relações Internacionais. “Uma embaixada radial, sendo de âmbito regional, pressupõe uma ação vasta, implicando uma equipa de diplomatas, os quais deveriam ter meios para agirem com mobilidade, com condições de boa conectividade, mantendo-se em contacto não apenas com as autoridades dos Estados situados no perímetro da sua atuação, mas também com muitos outros interlocutores e, em geral, com a sociedade civil dos países envolvidos. Tal intervenção deveria corresponder a objetivos políticos claros, sujeitos



PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA



PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA E PAÍSES VIZINHOS

PORTUGUÊS “RADIAL”			
	POPULAÇÃO (milhões)	PAÍSES VIZINHOS	POPULAÇÃO P.V (milhões)
ANGOLA	32,866	Botsuana	2,351
		Congo	5,518
		Namíbia	2,54
		Rd Congo	89,56161
BRASIL	212,559	Zâmbia	18,383
		Argentina	45,195
		Bolívia	11,673
		Colômbia	50,882
		Guiana	0,786
		Guiana Francesa	0,298
		Paraguai	7,132
		Perú	32,971
		Suriname	0,586
		Uruguai	3,473
Venezuela	28,435		
CABO VERDE	0,555	N.A.	N.A.
GUINÉ-BISSAU	1,968	Senegal	16,743
		Guiné-Conacri	13,132
MOÇAMBIQUE	31,255	África do Sul	59,308
		Malawi	19,129
		Suazilândia	1,415
		Tanzânia	59,734
		Zâmbia	N.A. ⁽¹⁾
		Zimbabué	14,862
PORTUGAL	10,196	Espanha	46,754
SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE	0,219	N.A.	N.A.
TIMOR-LESTE	1,318	Indonésia	273,523
TOTAL 8 PAÍSES	290,936	24	822,767
TOTAL GLOBAL	1113,71		

⁽¹⁾ Já contabilizada.

Fonte: Worldometers (2020)

a avaliação periódica, com explicitação das áreas temáticas preferenciais para o trabalho diplomático”.

Após sustentar que “uma representação com as características acima descritas e uma agenda que, para além dos objetivos político-diplomáticos habituais”, identificasse também “áreas temáticas fundamentais que se prendam com os interesses portugueses na região” reconhece a prudência de “lançar uma ou outra experiência piloto, a título experimental”.

Isto pelo “carácter inovador e eventualmente problemático da instauração de embaixadas radiais com a natureza agora descrita”. Em caso de bom resultado da fórmula, a experiência poderia “replicar-se ao ponto de, gradualmente, abranger o conjunto das regiões por onde se dissemina”.

Língua em estratégia inovadora

Já na tese avançada neste “paper” parece ao autor ser despiciente esse teste prévio, por não estar em causa a lógica de funcionamento da estrutura diplomática, em si, mas a transposição do modelo “radial” para a disseminação do “veículo língua”.

Propõe-se assim uma aposta no incentivo ao ensino da língua portuguesa em todos os Estados vizinhos de países lusófonos, através de acordos bilaterais ou multilaterais, a promover por Lisboa, numa lógica estratégica inovadora.

Sendo o conhecimento/partilha de uma mesma língua factor facilitador de comunicação/entendimento e, como tal, potenciador de permutas

e convergência de interesses, Portugal estaria a actuar como facilitador/dinamizador das trocas comerciais regionais e da diluição de potenciais focos de conflito.

Caso o incentivo ao ensino/aprendizagem da língua portuguesa implicasse um esforço financeiro adicional de Lisboa, tanto a nível de encargos diretos como na alocação de recursos humanos especializados (por insuficiências do destinatário), esse esforço poderia ser contratualizado através dos atrás referidos acordos bilaterais e/ou multilaterais.

“
Propõe-se assim uma aposta no incentivo ao ensino da língua portuguesa em todos os Estados vizinhos de países lusófonos, através de acordos bilaterais ou multilaterais.”

A título exemplificativo, a redução de taxas aduaneiras nos países destinatários a produtos “Made in Portugal”, proporcional ao encargo implicado pela aplicação deste modelo para os contribuintes portugueses. Ou a candidatura a financiamento por fundos multilaterais dedicados a projectos de fixação das populações migrantes nas respectivas zonas de origem. ■